

Pais criam escolas para baratear ensino

Claudio Rossi

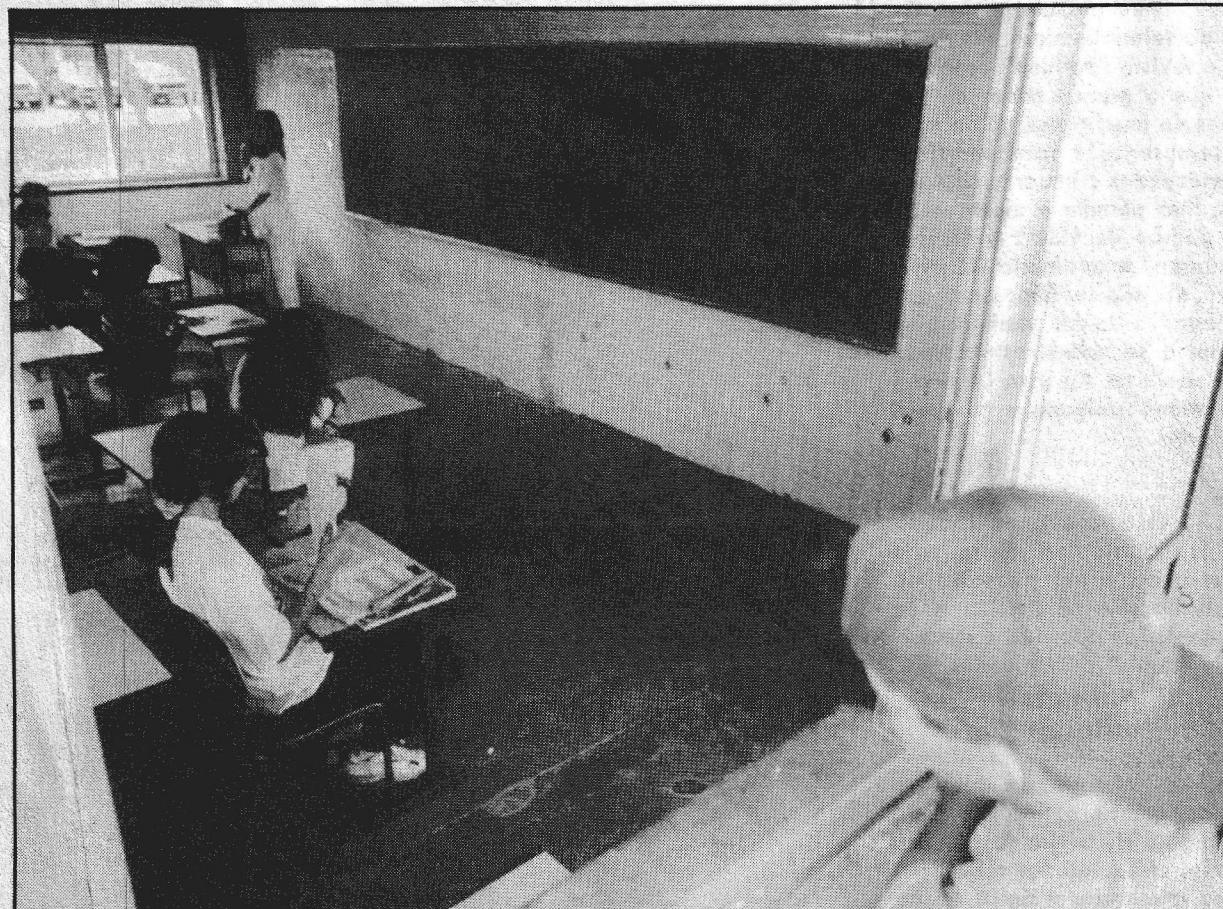
SÃO PAULO — Mensalidades baratas, maior qualidade de ensino, participação direta dos pais na administração e definição das linhas pedagógicas. A classe média paulistana procurava por um modelo de instituição que reunisse todas essas virtudes e as encontrou nas novas escolas comunitárias e autogeridas que se multiplicam pela cidade.

— A classe média está descobrindo que também é povo. Passou a valorizar a coletividade, diante da necessidade imposta pela crise econômica. É a necessidade que leva o ser humano a procurar alternativas — diz a pedagoga Regina Luz de Brito, diretora do Colégio São Domingos, no bairro de Perdizes, na Zona Oeste.

O colégio é um típico exemplo de gestão participativa, consolidada nos últimos dois anos em São Paulo. Não visa ao lucro e tem mensalidades que giram atualmente em torno de Cr\$ 1 milhão. Em escolas particulares tradicionais do mesmo padrão, o custo seria, no mínimo, duas vezes maior.

As novas escolas paulistanas não guardam semelhanças com as experiências alternativas das escolas naturalistas, pacifistas e de integração cósmica surgidas em décadas passadas. São iniciativas de pais, na maioria profissionais liberais, que com o arrocho dos salários e o desemprego viram-se obrigados a retirar os filhos das escolas particulares tradicionais.

Com seus vencimentos minugados pela crise, um grupo de bancários reuniu-se para discutir como garantiriam a educação dos filhos. Há quatro meses, oficializaram a Cooperativa Educacional da Cidade de São Paulo. A nova escola conta com 400 sócios e metade das 330 vagas preenchidas.



Escola Estadual Leonor Mendes de Barros, no condomínio Alphaville, Grande São Paulo, exemplo de autogestão

das para o próximo ano. A mensalidade deve doer menos no bolso dos pais, e os acertos na contabilidade da escola serão discutidos por quem é cliente e patrão ao mesmo tempo. As assembleias devem deliberar sobre as decisões importantes na vida da escola.

Enquanto isso, os moradores de Alphaville, um dos mais luxuosos condomínios fechados da Grande São Paulo, tornaram realidade um projeto de co-gestão da Escola Estadual de Primeiro Grau Leonor Mendes de Barros, na qual estão matricula-

das mais de mil crianças provenientes da rede particular de ensino.

Ali, os estudantes oficialmente não pagam nada e recebem ensino de primeira linha, sob os olhos vigilantes dos pais. Estes garantem uma complementação salarial para os professores.

A pedagoga Regina faz um diagnóstico do sucesso das novas experiências. Segundo ela, os pais têm convicção de que a linha pedagógica está em sintonia com a filosofia de vida e os valores da família. Essa seria a

principal diferença em comparação com as escolas convencionais, nas quais as decisões respondem normalmente a critérios de gestão empresarial.

— Ao optarem por escolas particulares tradicionais, os pais estão comprando um serviço sem a possibilidade de interferir coletivamente no caminhar da escola — conclui Regina.

A pedagoga explica que a interferência dos pais não se traduz em intromissão no cotidiano das salas de aula. Qualquer medida depende de uma decisão coletiva.